

Com as máquinas, rumo ao diálogo

With the machines, towards the dialogue

■ FERNANDO RESENDE*

FLUSSER, Vilém

*O universo das imagens técnicas –
elogio da superficialidade.*

São Paulo: Annablume, 152 p., 2008.

RESUMO

O universo das imagens técnicas, contemplado por Vilém Flusser, é este do qual faz parte o homem pós-histórico – todos nós –, sujeitos que experimentam o mundo através dos objetos nos quais, em uma dada superfície, agregam-se pontos que nos dão a ver o mundo que vivemos. Em um pensamento espiralado, o também chamado *filósofo da mídia* nos conduz à problematização e à compreensão complexa das ações que nos levam à produção de tais objetos. Esta resenha procura jogar luz sobre o que se apresenta como um possível projeto de comunicação dialogante, colocando em questão, a partir do diagnóstico e dos prognósticos de Flusser, o papel crucial que nos cabe nos dias atuais: construir diálogos na superfície.

Palavras-chave: imagem, técnica, comunicação, diálogo

ABSTRACT

The universe of technical images, contemplated by Vilém Flusser, is the one which the post-historic man – all of us – is part of. In such a place, we experience the world through the objects in which, in a given surface, points are added up with the intention of offering us images of the world we live in. In a spiral thought, the also called *philosopher of the media* contributes to our understanding of complex issues and actions that lead us to the production of such objects. This review intends to throw light on what is presented as a possible dialogical communication project, putting in question, from the diagnosis and prognosis of Flusser, our nowadays crucial role: to build dialogues from and upon the surfaces.

Keywords: image, techniques, communication, dialogue

* Professor do Departamento de Estudos Culturais e Mídia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Autor do livro *Textuações: ficção e fato no Novo Jornalismo de Tom Wolfe* (SP: Annablume/Fapesp, 2002).

VIVEMOS EM UM mundo dominado pelas imagens, o que, segundo Flusser, não nos impede de tecer críticas e de aventar possibilidades de construções de diálogos com e através das imagens. No ensaio *O universo das imagens técnicas – elogio da superficialidade*, o filósofo afirma, de forma peremptória, que sua intenção é elogiar aqueles que, nos dias atuais, insistem em combater o tédio, ainda que possam parecer estar enganados.

Pensador que se faz valer de metáforas e paradoxos para expor seu modo de ver o mundo e, com isso, exercer a crítica *a partir das* imagens técnicas, como ele mesmo diz, Flusser vislumbra o que talvez possamos chamar de “um projeto de comunicação dialogante”. O fato de apresentar o seu pensamento como um vislumbre – é para o futuro que ele lança o seu olhar – ressalta, antes, seu viés de uma crítica do presente, uma tarefa nada simples dada a certeza do autor de vivermos hoje sob o domínio de imagens que, apesar de construídas com pontos que se agregam para dar lugar a superfícies imaginadas, pretendem ser a substância do concreto.

Flusser se refere às fotografias, filmes, imagens de TV, de vídeo e de computadores que, a partir de um determinado momento na história da cultura, “assumem o papel de portadores de informação”. Modos e lugares distintos de carregar informações revelam formas também distintas de representar e compreender o mundo. Nesse sentido, a passagem das linhas escritas para as superfícies imaginadas é significativa, pois, “doravante”, diz Flusser, “apenas a imagem é o concreto”. Segundo se pode apreender do pensamento do autor, esta é uma perspectiva aterrorizante, pois ela contribui para que sigamos “rumo a uma sociedade totalitária”.

É nesta direção que sua crítica se constrói e é com vistas ao que ele chama de “sociedade telemática dialogante” – na qual então poderíamos falar de criadores e colecionadores de imagens – que Flusser tece suas projeções. É interessante observar que o que se apresenta como utópico, na reflexão do autor, não são os seus vislumbres, mas a ilusão da imagem como substância pura, já que é o nosso dançar cego em torno do concreto que nos faz crer que o mundo se faz pronto na superfície das imagens. Na linha do pensamento do também chamado *filósofo da mídia*, o que assume sim um caráter de concretude é a produção do gesto dialogante, já que para a sua realização caberia tão-somente ativar o que para Flusser é a “descrição exata do ser humano: ser obrigado a fazer o impossível”. Desse modo, duas dimensões, uma reflexiva e outra de ordem prática, abarcam o seu pensamento.

Imbuído deste espírito, seu ensaio é instigante. De forma deliberada, sua estrutura ressalta o tom do pensamento de Flusser: ele não é linear e implica reflexões, práticas e contextualizações, o que não se dá, necessariamente, nesta ordem.

O ensaio se fecha, por exemplo, quando o autor revela que seu “modelo de comunicação dialógica telematizada” é o que foi esboçado durante todo o livro e que sua efetivação só lhe parece possível se enfrentarmos as duas dimensões que o ensaio aponta. Do ponto de vista reflexivo, é fundamental ressignificar o nosso modo de compreender o universo das imagens técnicas – pois somente assim podemos exercer a liberdade de estar nas superfícies – e, de uma perspectiva prática, há que se haver com os meandros e as ações que permeiam o complexo processo de produção das imagens, já que somente assim enfrentamos o (im)possível.

Com o propósito de contribuir para as ressignificações, ao encerrar o livro, Flusser nos leva ao mundo da música, ampliando e complexificando o espaço em que se inscrevem as tecno-imagens. Se essas imagens, mais que representar, pretendem ser o concreto, elas também fazem parte do “mundo da vontade”, como o é em relação à música. As imagens técnicas, aos olhos de Flusser, fazem parte de um mundo computado – ou construído, se quisermos assim pensar –, no qual representação e vontade convergem. Esse modo de conceber o universo das imagens técnicas exige o que Flusser chama de um “nível de consciência novo”, pós-histórico porque experimentado de forma distinta no que se refere aos preceitos legitimados pela entrada da escrita na cultura ocidental.

No que diz respeito ao fazer, quando a meta é atingir algo substancial, a tarefa é compreender e esmiuçar as ações. E, nesse sentido, abstrair, concretizar, tatear, programar, dialogar, brincar e criar são apenas alguns dos verbos, colocados assim no infinitivo, que ao dar título aos capítulos que marcam o miolo do seu ensaio, exploram conceitos e problemáticas cruciais para o exercício criativo de produção das imagens técnicas. Ao atravessar os imperativos referentes à produção das imagens, cabe ao leitor saber que o homem pós-histórico – este que somos nós e de quem nos fala Flusser – se transforma em “jogador que calcula e computa o concebido”, um gesto fundante cujo conhecimento atribui sentido ao que se apresenta como primordial à perspectiva filosófica que Flusser oferece aos nossos tempos: a ideia de que o homem seja sujeito e objeto de imagens técnicas que estão envoltas em um universo que abarca tanto ele próprio quanto a máquina.

Flusser arremata seu pensamento espiralado quando também sugere que comecemos o livro a partir do seu último capítulo, *Música de Câmera*. Nele, o leitor faz um giro e se vê fadado a voltar os olhos para o início do ensaio, reconstruindo o modelo dialogante a que, a todo o momento, se refere Flusser. Nesse sentido, seu modelo – em forma de projeto – requer que se desvele o véu que poderia assegurar às imagens o seu caráter totalitário, desmitificando tanto o nosso modo de compreender este universo quanto a nossa própria relação

com as imagens que nele circulam. Neste universo em que computar é igual a compor, as falas / imagens que nele nascem não brotam de deuses, mas são construtos, objetos de homens que, muitas vezes, pelas condições históricas e culturais em que nos encontramos todos, se travestem de deuses.

Se cabe ao homem usar a máquina para compor e criar diálogos, é função dos críticos de imagens técnicas, na atualidade, fazer desvanecer as névoas que podem nos impedir de apreender a complexidade deste universo, “desocultando os programas por detrás das imagens”, como sugere o autor. Pois é exatamente este o gesto de Flusser ao construir o seu modelo fazendo uso da condição utópica de que a imagem seja o concreto. Se na sua superfície instala-se a ilusão da concretude, é ali que cabe a “criatividade concreta”, o que vem justificar, como ele próprio afirma, o “elogio da superficialidade”.

Ao juntar pontos para, na superfície, produzir imagens, o que está em jogo é um exercício de liberdade – conceito caro para o autor – que não advém do ato “de se opor a esta ou aquela determinação”, mas da “capacidade de desprezar todas as condições e de elaborar universo não determinado”. O substancial é a construção de diálogos e é na superfície que podemos nos fazer livres para agir. A tarefa não é simples, antes de tudo, por se tratar, nas palavras de Flusser, da liberdade de “impor significado à vida”. E é também árdua, já que exercer esta liberdade significa ir contra os tediosos, estes que, atualmente, parecem ter razão. ■

Resenha recebida em 15 de julho e aprovada em 24 de agosto de 2009.